

REERGUENDO PENHAS E RIOS

Rodrigo Jorge*

COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras*. Organizado por Ivan Teixeira. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2013. (Coleção Afrânio Peixoto; v. 101).

Cresci num bairro cujo nome sempre me despertou a atenção: Penha. Sua eufonia já me dava a impressão de algo imponente, percebido antes mesmo de conhecer sua acepção lexical. Esta denominação deve-se à existência de um grande rochedo, onde foi erguida uma igreja, que é o seu principal ponto turístico. Uma penha, ou penhasco, remete não só ao gigantesco relevo, à dureza irremovível e poderosa de sua pedra, mas também ao isolamento, ao silêncio e ao recolhimento quase ascético. Não há como não lembrar o primoroso quadro de Caspar David Friedrich, *Um viajante sobre o mar de névoa*, em que temos o personagem do títu-

* Professor substituto de literatura brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Letras e doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Também é pesquisador no projeto de edição das cartas de Mário de Andrade e Pedro Nava pela Fundação Casa de Rui Barbosa.

lo posto sobre o alto de alguma elevação rochosa e diante do inescrutável, nebuloso e fascinante destino que o espera na continuação de sua jornada. O poeta árcaico Cláudio Manuel da Costa tem também nos grandes rochedos das penhas um de seus principais signos poéticos, evidentemente tratados de maneira distinta da representação pictórica de Friedrich, própria dos preceitos do romantismo alemão. Em Cláudio, penhascos e rios da paisagem mineira assumem formas mitológicas por meio de procedimentos de ficcionalização poética, diferentes das representações dos fenômenos naturais pelos românticos, que são inapreensíveis pelos recursos disponíveis da palavra, resultando num sujeito lírico em conflito, e fragmentado. Embora essa inquietação também esteja presente em Cláudio, resíduos do espírito barroco em que foi forjado, o poeta mineiro busca resolvê-la por meio dos *topoi* convencionais da tradição, a fim de promover o ajustamento da linguagem ao meio.

Antonio Candido, em seu primoroso ensaio “Literatura de dois gumes”, aponta, nesse esforço, a presença também de “uma considerável liberdade”, e acrescenta: “e da combinação de ambas formou-se a expressão ao mesmo tempo geral e particular, universal e local, que a literatura da Colônia transmitiu como conquista.” (2006, p. 56). As metamorfo-

ses líricas e fluviais empreendidas pela poesia de Cláudio Manuel da Costa, com a insistência e empenho críticos resultantes da dualidade barroca em que se debatia, faz uso de apropriações neoclássicas, a fim de engendrar, segundo Candido, “um sistema inteligível para os homens cultos da época, em qualquer país de civilização, ocidental”, i.e., a literatura não era mais, ou não apenas, o plano de conciliação das tensões do sujeito com a realidade ao redor, mas o esforço de integração e comunicação, por meio do reconhecimento da cor local, com a esteira do mundo em suas dimensões cultural, social e política.

A reedição das *Obras*, de Cláudio Manuel da Costa, pela Academia Brasileira de Letras, integrando a excelente Coleção Afrânio Peixoto, não apenas recoloca em circulação um dos livros fundamentais da nossa literatura, mas também apresenta uma edição primorosa no estabelecimento filológico de seu texto, na seleção iconográfica de fotografias, pinturas e manuscritos do autor, a maioria mantida pelo Museu da Inconfidência, e, sem dúvida um dos pontos altos do livro, depois, é claro, da obra em si, o ensaio introdutório do professor e crítico de literatura brasileira Ivan Teixeira, o organizador da edição, e que, infelizmente, faleceu no mesmo ano da publicação. Aliás, diga-se de passagem, foi uma despedida digna da trajetória acadêmica de Teixeira, apesar do inevitável lamento de termos perdido um brilhante intelectual.

Como já dito, Cláudio Manuel da Costa foi um poeta do arcadismo brasileiro. Por ser um autor de transição entre escolas literárias, sua poesia carrega orga-

nicamente a potência dos pressupostos transgressores da estética inaugural e se mantém absorvida por elementos da estética anterior, conferindo uma complexa e enriquecida transsignificação ao seu texto. Nascido na antiga Vila do Ribeirão do Carmo (atual Mariana), em Minas Gerais, em 5 de junho de 1729, Cláudio partiu jovem para Portugal, aos 20 anos. Estuda em Lisboa e Coimbra, onde trava contato com o arcadismo por meio da fundação da Arcádia Lusitana, em 1756. Ainda em terras lusitanas, publica seus primeiros textos, mas ainda de forte penhor barroco. Apenas com a publicação das *Obras*, em 1768, o poeta mineiro alcança um elevado valor artístico, e também marca o início do arcadismo brasileiro. Embora seja composta por vários tipos poéticos, divididos por unidades, como sonetos, epicédios, romance, fábula, éclogas, epístolas, romances líricos, canzonetta, canzonette e cantatas, é com o soneto que obtém grande qualidade estética. Chega a compor o épico *Vila Rica*, em 1773, mas apenas publicado no século seguinte, além de ser considerado obra inferior em sua bibliografia. Suicida-se em 4 julho de 1789.

A iniciativa da Comissão de Publicações da ABL é bem apropriada, ainda mais por ser o poeta mineiro o Patrono da Cadeira nº 8, escolhido pelo seu fundador, o poeta Alberto de Oliveira, um dos grandes do nosso parnasianismo. Como esclarece seu organizador, a edição “não pretende ser crítica, mas apenas fidedigna”, realizando atualização ortográfica e de pontuação, com exceção dos vocábulos arcaicos. O estabelecimento do texto, feito com perspicácia e corre-

ção, partiu do original de 1768, o que é fundamental para a realização de um trabalho filológico de qualidade. Para os não iniciados pode parecer óbvio o procedimento, mas, dependendo do tipo de fixação de texto que o pesquisador pretenda empreender, a consulta à reedições posteriores pode ser um profícuo instrumento metodológico ou não. Sem dúvida, quando se trata de manuscritos antigos, muitas vezes a consulta a edições recentes pode ajudar a esclarecer pontos obscuros e ilegíveis. Entretanto, pode também influenciar negativamente o resultado esperado. A função do trabalho de estabelecimento do texto é aproximar obra e leitor exatamente da forma como literariamente o autor a concebeu, sem obstáculos e intervenções adicionais promovidos por descuidos e outros problemas editoriais. E isto Ivan Teixeira consegue com maestria. O ensaio de Teixeira, como sempre, é extraordinário, pois não se limita a elencar dados biográficos do autor, tampouco reproduzir outros estudos críticos sem qualquer intermediação analítica, como feito lamentavelmente por muitos estudiosos em algumas péssimas edições. Intitulado “Maldição do ouro & esplendor

da poesia em Cláudio Manuel da Costa”, seu ensaio vem integrar como referência fundamental a fortuna crítica do poeta mineiro, pois adota uma perspectiva crítico-analítica de consistência e elegância raras. O material iconográfico, como destaquei acima, torna a edição ainda mais interessante, pois ilustra de modo muito bem equilibrado o ensaio de Teixeira e insere o leitor dentro do contexto de produção cultural do período em que as *Obras* foram publicadas. O organizador também aproveita as vinhetas impressas na edição original para marcar as divisões das unidades, elabora um glossário de termos com acepção distinta da atual e redige notas esclarecedoras ao longo do livro. Para ficar perfeito em termos gráficos, talvez uma capa dura e um padrão diagramático um pouco diferente pudessem ajudar, mas aí já estaríamos entrando em seara estritamente particular de gosto deste resenhista.

Ao trazer a lume esse livro essencial da literatura brasileira, a Academia Brasileira de Letras presta mais um destacado serviço à cultura de nosso país, como se reerguesse penhas e rios da paisagem poética de Cláudio Manuel da Costa.